

EN

A group of six people enters a huge wooden box, in what appears to be a hut or a shelter, on a mountain summit at an unknown altitude. An undefined place. But the exact nature of this space ultimately matters little: what really matters is the atmosphere of isolation it creates. Because these six characters are very close to one another and, at the same time, very far apart. They speak Italian, German, English (from Scotland) and French — but will they be able to understand each other? Swiss director Christoph Marthaler returns to Festival de Almada and once again brings us a play about the inability of human beings to communicate.

LE SOMMET (O CUME)

Théâtre Vidy-Lausanne (Suíça)

Piccolo Teatro di Milano – Teatro d'Europa (Itália)

MC93 - Maison de la culture de Seine-Saint-Denis (França)

Encenação de Christoph Marthaler

Co-apresentação Teatro Nacional D. Maria II



43º FESTIVAL 04 — 18
de almada Julho 2026

Organização Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

<i>Dias e Horários</i>	17 Julho — 21H30 18 Julho — 18H00
<i>Local</i>	Sala Principal, Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada
<i>Língua</i>	Multilíngue, com legendas em português
<i>Classificação Etária</i> M/12	<i>Duração</i> 1H50
<i>Interpretação</i> Charlotte Clamens, Federica Fracassi, Graham F. Valentine, Liliana Benini, Lukas Metznerbauer e Raphael Clamer	<i>Operação de luz</i> Cassandra Colliard
<i>Dramaturgia</i> Malte Ubenauf	<i>Co-produção</i> Bonlieu Scène nationale Annecy, Ruhfestspiele Recklinghausen, Les Théâtres de la Ville de Luxembourg, Festival d'Automne à Paris, Théâtre National Populaire de Villeurbanne, Festival d'Avignon, Maillon Théâtre de Strasbourg, Malraux scène nationale Chambéry Savoie, Les 2 Scènes - Scène nationale de Besançon, tnba - Théâtre national Bordeaux Aquitaine e International Summer Festival Kampnagel
<i>Cenografia</i> Duri Bischoff	
<i>Figurinos</i> Sara Kittelmann	
<i>Luz</i> Laurent Junod	
<i>Som</i> Charlotte Constant	
<i>Direcção dos ensaios musicais</i> Dendiz Dethleffsen	
<i>e Dominique Tille</i>	
<i>Maquilhagem e Cabelo</i> Pia Norberg	
<i>Director de palco</i> Mathieu Pegoraro	
<i>Figurinos</i> Emilie Maeder	
<i>Colaboração dramaturgica</i> Éric Vautrin	
<i>Assistente de encenação</i> Giulia Rumasuglia	
<i>Estagiário de encenação</i> Louis Rebetz	
<i>Adereços e Construção do cenário</i> Théâtre Vidy-Lausanne	
<i>Confecção de figurinos</i> Piccolo Teatro Di Milano	
<i>Direcção técnica</i> Véronique Kespi	<i>Le sommet tem textos de</i> Christoph Marthaler e Malte Ubenauf e dos intérpretes, assim como excertos e citações de Elisa Biagini, Olivier Cadiot, Patrizia Cavalli, Bodo Hell, Norbert Hinterberger, Gert Jonke, Antonio Moresco, Aldo Nove, Pier Paolo Pasolini, Werner Schwab, Christophe Tarkos, Dylan Thomas, Giuseppe Ungaretti e Patrizia Valduga, assim como músicas inspiradas em Beatles, l'Abbé Bovet, Adriano Celentano, Wolfgang Amadeus Mozart, Franz Schubert e ainda melódias populares suíças e austríacas.

PT

De que tipo de cume se trata em *Le sommet* [O cume], de Christoph Marthaler? Em alemão, *cume* diz-se *Gipfel*, uma palavra que pode ser traduzida como *cume* no sentido de *cume de uma montanha*, como *cimeira*, quando se trata de um congresso político importante, mas também como... *croissant*, o conhecido bolo parisiense. Então, quem são estes especialistas em escalada, estes participantes num congresso e/ou estes pasteleiros? Como é frequente nos espectáculos do encenador suíço, as respostas a estas perguntas não são claras. É possível fazer-se uma ideia desses significados nos *intermezzi*, nos estados intermédios, quando parecem delinear-se alguns caminhos alternativos, sempre prontos a serem desviados, nos meandros incertos do pensamento e da acção humanos. Aquele ou aquela que, há apenas um instante, amassava a massa, pega de repente no microfone para apelar à acção de todas as nações do Mundo. Aquele ou aquela que colocava pitons de segurança na rocha, entoa de repente a canção *Lá em cima na montanha*, com um coro de montanhesees, sem que ninguém tenha a certeza de se está a assistir ao eterno nascer do sol ou a um pôr-do-sol definitivo. Apenas uma coisa parece incontestável: Christoph Marthaler mantém-se em expedição por regiões inóspitas, com um conjunto de actores e músicos italianos, franceses, suíços, austríacos e escoceses.

E quem quiser saber se, ao longo desta aventura, foram de facto alcançados picos, terá de verificar nos livros de visitas dos picos da Europa se o carimbo de expedição de Marthaler foi lá deixado. A impressão do carimbo mostra — claro — *einen Gipfel*, “um pico”.

Le sommet — que conta também com textos de Malte Ubenauf, o dramaturgo suíço que colaborou com o encenador nesta peça — foi criado numa altura em que se desenrolavam acontecimentos políticos importantes em Itália, Suíça e França, e também noutros países europeus, como explicaram os dois artistas numa entrevista conjunta durante o Festival d'Avignon, onde a peça foi apresentada há um ano. “É também, de facto, uma subida ao topo depois de grandes esforços. Mas, uma vez chegado ao *cume*, o que se faz? Passa-se para outra coisa — a filosofia, a poesia... ou a queda, ou simplesmente a descida. Partimos numa língua que não é verdadeiramente comum”. Os criadores advertem que a ideia de *cume* e de *topo* parece conter uma ironia que pode envolver políticos, talvez pessoas ricas e poderosas, ou um grupo que se refugia longe de um Mundo em grande desordem. Christoph Martaler sente que a realidade acabou por alcançá-lo. “O mundo de hoje multiplicou os isolamentos. Está tão dividido que o sentido se fragmentou. No nosso *cume*, reconheço algo de uma humanidade que deveria trocar algumas ideias, mas já não consegue”, explica.